

Os caboclos do Contestado: “fanáticos”ou não?

Caio Dias de Brito
caiodbrito@hotmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: este artigo discute as posições de quatro estudiosos a respeito do fanatismo, ou não, dos caboclos do Contestado. Para Aujor Avila da Luz os caboclos do Contestado são vistos como “fracos” em todos os sentidos, e, por isso, se tornariam fanáticos e irracionais. Para Marli Auras o movimento do Contestado foi uma reação e rejeição ao sistema capitalista, e não vê o caboclo como fanático, mas sim, como marginalizado pelos grupos dominantes. Paulo Pinheiro Machado afirma que para se compreender esse movimento camponês não se deve caracterizar os caboclos “a priori”. Para o último autor constante nesta reflexão, Walter Tenório Cavalcanti, a revolta foi fruto de fanatismo puro. Essas posições antagônicas e, até mesmo, conflitantes são aqui debatidas.

Palavras-chave: Contestado; Fanatismo; Caboclos; Historiografia

Abstract: this article discusses the positions of four studios about fanaticism, or not, of the *caboclos* of *Contestado*. For Aujor Avila da Luz the *caboclos* of *Contestado* are seen as "weak" in all directions, and therefore become fanatical and irrational. For Marli Auras the movement of the *Contestado* was a reaction and rejection of the capitalist system, and don't see the *caboclo* as a fanatic, but as marginalized by the dominant groups. Paulo Pinheiro Machado says that to understand this peasant movement must not characterize caboclos at first. For the last author in this constant reflection, Walter Tenorio Cavalcanti, the revolt was the result of pure fanaticism. These opposing points of views, and even conflicting, are discussed here.

Key-words: *Contestado*; Fanaticism; *Caboclos*, Historiography

The caboclos of Contestado: Fanatics or not?

A problemática contida no título deste artigo surgiu “de vereda” (de forma extremamente rápida), expressão vinda da região do Irani, que foi utilizada pelo historiador Paulo Pinheiro Machado, para classificar o combate famoso que houve neste lugar entre os seguidores do monge José Maria e as forças paranaenses do coronel João Gualberto.¹ Mas, por que tal problema apareceu assim tão de repente? Isso se deve às circunstâncias que motivaram a confecção do presente trabalho, que exigem velocidade. Este autor não pretende ser exaustivo, muito menos audacioso, porque para assumir esses adjetivos é necessário muito tempo e muitos livros. E não tenho posse de nenhum dos dois. Pretendo então simplesmente analisar como quatro autores - Aujor Ávila da Luz, Marli Auras, Paulo Pinheiro Machado, e

¹ MACHADO, Paulo Pinheiro. O Tempo do “Fanatismo”. In: _____. *Lideranças do contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 2004, p. 163-242.



Walter Tenório Cavalcanti - responderiam à questão lançada no cabeçalho desta produção acadêmica, e encerrar colocando minha posição sobre a pergunta feita.

1. *Os Fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*, por Aujor Ávila da Luz

O título da obra, por si só, já responde à questão principal deste trabalho: sim, os caboclos eram “fanáticos”, pior ainda, cometiam “aberrações”. Aujor Ávila da Luz (1906-1974) era um médico clínico, com conhecimentos em História e Ciências Sociais, e “pesquisador metucioso e verídico que embasava seus estudos históricos nos arquivos de Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro”² Observando a dedicatória e a data de publicação do livro “Os Fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos”, nos convencemos de estarmos diante de uma História escrita ‘à tradicional’. Aujor trata os soldados e oficiais do Exército brasileiro e o Regimento ‘Barriga-Verde’ como ‘heróis’, e afirma que o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina é ‘um guardião dos feitos heróicos e da bravura da Milícia catarinense’.

O autor, quando menino, presenciou o êxodo de grande parte da população de Lages em direção à Florianópolis, que fugia dos jagunços’ do Contestado, e viu o caboclo Adeodato aprisionado e sob forte escolta no final da guerra. Estas experiências foram fundamentais para semear em Aujor uma vontade de conhecer a Guerra do Contestado e, principalmente, o ‘lado oculto da força’; para ele, os ‘fanáticos’. A divisão que o autor faz dos capítulos é semelhante à de Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Chega a ser assustadora a maneira como Aujor resume, no segundo capítulo, o conflito de 1912-1916 como sendo uma guerra sangrenta entre brasileiros civilizados e caboclos ignorantes. O Contestado deixou um saldo de vinte mil mortos, entre os quais mulheres, crianças e velhos.³ Eis o grande feito dos ‘brasileiros civilizados’... Chegaram até mesmo a utilizar a aviação militar contra uma população que se defendia, basicamente, com armas brancas. Belo exemplo de ‘civildade’! Os europeus que dominavam a África nessa época deviam estar orgulhosos de ver o governo brasileiro seguir seus exemplos. Continuando com a análise, vemos, no terceiro capítulo, intitulado *O homem*, uma riqueza de detalhes sobre os habitantes do planalto catarinense e do litoral. A oposição

² LUZ, Aujor Avila. *Os Fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1999.

³ ARRUDA, Jobson; PILETTI, Nelson. Movimentos sociais na Primeira República. In: _____. *Toda a história: história geral e história do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002. p. 329-334.



litoral/interior e as observações de cunho psicológico-antropológico aproximam-se mais uma vez de Euclides da Cunha, e até de Gilberto Freyre. Aujor dirige sua atenção mais para o sertanejo do que para o ‘barriga-verde’. Vejamos, de perto, suas palavras para comprovar o que foi dito até aqui sobre o terceiro capítulo de sua obra

A feição psíquica do homem do planalto, portanto, delineia-se assim: é valente e fatalista, mas belicoso; serviçal, afeiçoado ao trabalho, em especial às lides do campo; honesto, bom, hospitaleiro; grave, pouco sentimental e nada romântico, mas amoroso com a família; no exterior um desconfiado, mas no interior um crédulo; sem grandes alegrias, nem expansividade: um introvertido, inteligente, mas analfabeto...⁴

De forma geral o livro de Aujor Ávila da Luz é uma espécie de ‘filhote’ de *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Aliás, esta obra é muito citada por Aujor, que faz comparações entre Canudos e o Contestado. O autor aos nossos olhos de início do século XXI é conservador ao extremo (embora tenha destacado a miséria do sertanejo como uma das ‘alavancas’ que o empurraram para o ‘fanatismo’); vê os EUA e a Europa com fascínio; mostra, sem sutilezas, os preconceitos típicos de sua geração (em expressões como ‘pura raça nórdica’ e ‘raças de cultura inferior’); coloca as religiões, desde a origem do Homo sapiens até o Cristianismo, numa escala evolutiva; louva o ‘progresso material’ baseado na ciência, que infelizmente para o autor não atingiu a maioria das pessoas no mundo.⁵

Se Euclides da Cunha via o sertanejo de Canudos como um ‘forte’, Aujor Ávila da Luz vê os caboclos do Contestado como uns ‘fracos’, que por fatores de cunho psicológico, social, econômico, político, religioso, e climático, tornaram-se ‘fanáticos’ e ‘irracionais’, incapazes de ‘desenvolver sua mentalidade’. Aujor não diminui completamente o ser humano do planalto catarinense, pois destaca muitas habilidades suas, porém tende a considerá-lo como um candidato em potencial ao ‘fanatismo’. Não podemos julgar o passado através de nossos valores atuais (apesar de às vezes fazermos isso involuntariamente), mesmo quando se trata de um livro que facilmente seria crítica de qualquer dos nossos contemporâneos.

Os Fanáticos, de Aujor Ávila da Luz, merece nosso respeito, afinal, como disse Walter F. Piazza⁶, a importância deste é inegável. Levando em consideração a mentalidade da época (1952, ano de publicação da obra) e a formação médica do autor, não havia chances

⁴ LUZ, Aujor Ávila da. *Op. cit.*, p. 75.

⁵ Aujor cita Xavier de Oliveira, que disse que “do tabu polinésio e do totemismo egípcio ao espiritismo de Kardec e ao positivismo de Comte, a distância não é tão grande quanto a que vai da pedra lascada ao rádio”; da maneira como foi posta a citação, parece que o autor não concorda com o positivismo, embora sua escrita tenha semelhança com este.

⁶ LUZ, Aujor Ávila da. *Op. cit.*, p. 293-296.



dele escapar desta visão quase ‘científica’ que predominava no seu meio profissional. As experiências que teve quando garoto também foram fundamentais. No entanto, queria deixar claro que estes argumentos não isentam Aujor da parcialidade dele ao jogar praticamente toda a culpa da Guerra do Contestado nos caboclos, e admirar cegamente as forças governamentais, sem fazer a elas nenhuma crítica. Aujor responderia ‘sim’ à questão fundamental de meu artigo, e com grande veemência.

2. *Guerra do contestado: a organização da irmandade cabocla*, por Marli Auras

Marli Auras, diferentemente do autor analisado anteriormente, não vê o movimento do Contestado como um ‘surto psicótico de fanáticos’ e sim como uma reação e rejeição ao sistema capitalista representado principalmente pelo Grupo Farquhar. A autora confessa na sua introdução que não aprendeu nada sobre o importante fato na sua escolarização e nem quando esteve nos bancos universitários. Mas, com o passar do tempo, a sua curiosidade foi aumentando e abrindo caminhos para a compreensão desta guerra sangrenta, sob uma perspectiva gramsciana. Por aí já percebemos que a autora se afasta da ‘História Tradicional’ sobre o Contestado. Na sua visão esta última representa “a ordem dos vencedores”.⁷ Ao mesmo tempo, Marli Auras apropria-se de extensa documentação oficial e de registros de militares que, para desdenharem dos sertanejos, escreviam suas rezas e o conteúdo de diálogos mantidos com aqueles que eram feitos prisioneiros.⁸

Vemos neste livro, como a própria autora assume, “a ótica dos vencidos”⁹, que ela resgata dos próprios relatos dos contrários à irmandade cabocla. Marli Auras, que tem licenciatura plena em Geografia e é professora da Universidade Federal de Santa Catarina, dividiu sua obra em três capítulos: no primeiro, *A Desestruturação da Ordem Vigente pela presença do grupo Farquhar*, mostra que a vinda deste grupo e da Lumber foram os responsáveis pela marginalização dos sertanejos que, sem terras e sem recursos, acabaram fechando-se no messianismo como única alternativa possível à sua miséria. A autora conta o porquê desse movimento possuir esse nome e apresenta a ordem econômica, política e social da região litigiosa. No segundo capítulo, *A Estruturação de uma nova ordem pelo conflito – Peludos versus Pelados*, Marli apresenta um conflito de ‘ordens’ – a republicana de

⁷ AURAS, Marli. Introdução. In: _____. *Guerra do contestado: a organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995. p. 15-22.

⁸ *Ibidem*, p. 21.

⁹ *Idem*.



catolicismo erudito contra a monarquia cabocla de catolicismo popular. Esta última ‘ordem’, cuja formação provém de um processo de longa duração histórica¹⁰, procurava se afirmar negando a República que só serviu para aumentar seus problemas e solidificar ainda mais as desigualdades sociais. Vale ressaltar que a autora procura apontar o messianismo como uma alternativa particular dos caboclos em substituição ao ‘perverso capitalismo’, se bem que este sistema ainda não estava plenamente consolidado no Brasil, cujas elites viam-se como súditas do falido Império Português (o ‘espírito nacional’ só afirmar-se-ia a partir de Getúlio Vargas).

Por fim, no terceiro e último capítulo, Marli Auras trabalha com idéias gramscianas como, por exemplo, a que diz que “toda relação de hegemonia é, necessariamente, uma relação pedagógica”.¹¹ Quando a coerção passa a substituir a pedagogia, a relação seja ela qual for, acaba. Foi o que houve com a Irmandade Cabocla: os ataques constantes do exército republicano causando escassez de recursos minaram a solidariedade e o ‘espírito comunitário’ dos sertanejos. A organização social que preconizava a igualdade entre seus membros foi trocada por uma hierarquia que resolvia suas questões de modo autoritário, em razão das pressões externas. Como consequência disso a união do povo do Contestado esfacelou-se, abrindo caminho para a vitória das tropas sob o comando do General Setembrino.

Se a autora pudesse responder à minha problemática, com relação ao fanatismo dos caboclos sua resposta seria negativa. Para Marli Auras, a religiosidade do habitante do planalto catarinense “era a representação historicamente possível de ser por eles trabalhada”¹². Ou seja, ‘fanatismo’ não passa de um xingamento das forças governamentais as quais eram incapazes de resolver uma questão social pela razão de que sua resolução prejudicaria o desenvolvimento do capitalismo. Essa questão tratada como ‘caso de polícia’ (o que era normal na República Velha, e de certa forma, até hoje), herdada de regimes anteriores, só serviu para ajudar os sertanejos a seguirem a senda do monarquismo popular de catolicismo vulgar, única saída que eles possuíam devido ao seu analfabetismo, isolamento e submissão ao coronelismo. O que ficou faltando para a vitória da Irmandade Cabocla, segundo Marli Auras, foi a “clareza sobre a forma pela qual a nova sociedade (a dos ‘irmãos e irmãs’) seria criada”¹³ e também “capacidade de entender os problemas reais, historicamente especificados,

¹⁰ Desde os tempos da Batalha de Alcácer-Quibir no norte da África em 1578, na qual desapareceu o rei D. Sebastião de Portugal, criando-se assim o mito do seu retorno, que afetou por séculos o reino português e depois o Brasil.

¹¹ GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. p. 37. Apud AURAS, Marli. *Op. cit.*, p. 16.

¹² AURAS, Marli. *Op. cit.*, p. 169.

¹³ *Ibidem*, p. 170.



e de não limitar-se à expectativa passiva das conseqüências decorrentes das leis gerais que governam o capitalismo; de indicar as forças sociais que podem e devem ser envolvidas no processo revolucionário”.¹⁴ A própria autora reconhece que era impossível ao sertanejo ter qualquer conhecimento das forças econômicas que regem o capitalismo. Se não podiam conhecer, não podiam combater e muito menos vencer. Talvez, quem sabe, a vitória fosse possível se Adeodato tivesse mantido a organização da irmandade do jeito como tinha se formado. Mas pensar nisso hoje em dia é raciocinar dentro de uma utopia.

3. *Lideranças do contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*, por Paulo Pinheiro Machado

Paulo Pinheiro Machado é o único historiador dentre os quatro autores que aqui analiso a produzir uma obra vasta, completa, e complexa. Com essa observação não estou pretendendo depreciar Aujor Ávila da Luz, Marli Auras e Walter Tenório Cavalcanti, que têm seus valores. No entanto é impraticável deixar de notar a profundidade de *Lideranças do Contestado*, notória a partir dos agradecimentos que o autor faz e do prefácio surpreendente de Marli Auras, autora já analisada anteriormente. Em sua introdução, mostra o quanto a Guerra do Contestado pode ser algo intrincado¹⁵, por isso ela deve ser entendida na sua pluralidade, mentalidades, caminhos e desvios, “como um fenômeno histórico vivo e multifacetado e não como uma fórmula abstrata morta”.¹⁶ Paulo Pinheiro Machado faz uso de autores como George Rude, Giovanni Levi, Émile Durkheim (cujo conceito de ‘anomia social’ foi utilizado por vários autores conservadores para analisar o movimento dos caboclos), Edward Palmer Thompson, Eric Hobsbawm, José de Souza Martins, dentre outros.

Vale ressaltar que, para o autor, é mais adequado estudar os movimentos camponeses sem caracterizá-los *a priori*¹⁷. Afinal, classificá-los como ‘revolucionários’, por exemplo, é tão superficial quanto a famosa denominação de ‘fanáticos’. É necessário entender um movimento social, seja ele qual for, na sua inteireza e naquilo que ele foi e representou. Essa observação de Pinheiro Machado já respondeu a questão principal deste artigo, ou melhor, a ‘quebrou’. Pois se posicionar favoravelmente ou contrariamente é mera discussão de opiniões que não levará a lugar algum: “Precisamos, isto sim, procurar entender sua capacidade

¹⁴ GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. p. 58. Apud AURAS, Marli. *Op. cit.*, p. 171.

¹⁵ Tanto é que Pinheiro Machado discorda da própria nomenclatura do conflito; segundo ele deveria ser ‘Guerra Sertaneja do Contestado’, também empregada Maurício Vinhas de Queiroz.

¹⁶ MACHADO, Paulo Pinheiro. *Op. cit.*, p. 36.

¹⁷ Idem, p. 33.



criadora, avaliando suas origens, sua expansão e suas limitações”¹⁸ (em relação aos movimentos camponeses). No entanto, mesmo com essas afirmações do autor, é notório que ele não considera os sertanejos uns ‘fanáticos’. Porque Paulo Pinheiro Machado se utiliza das perspectivas da Nova História, que tem como um de seus principais aportes a apreciação da ‘história vista de baixo’. E por essa razão não teria sentido o autor qualificar os sertanejos de ‘fanáticos’, pelo fato de ser um vocábulo vindo ‘de cima’, das elites, da ‘História Tradicional’. Pinheiro Machado faz longas observações sobre as fontes, dividindo-as em duas: orais e escritas. Na primeira o autor mostra os problemas em lidar com a memória dos seus entrevistados, “que parecem fazer um só todo com a percepção do presente”¹⁹. O que chama a atenção são estas palavras:

Coloco aqui o “saber ouvir” não como uma anulação da análise crítica, que sempre deve ser feita em relação a qualquer fonte, mas “saber ouvir” como um procedimento de entrevista, em que deve ser aberto espaço ao depoente afirmar aquilo que realmente deseja sem estar sujeito a um bombardeio de perguntas que, muitas vezes, servem apenas como um meio rápido de legitimação daquilo que o entrevistador quer “confirmar com a fonte”, tal um apressado delegado de polícia que quer provar sua hipótese a todo custo.²⁰

Já em relação às fontes escritas, Pinheiro Machado diz que elas “guardam principalmente os registros dos militares e governantes sobre o conflito”²¹. Percebe-se claramente o ‘faro’ do historiador ao ler o quanto ele investigou e criticou as fontes, separando o que era útil ao seu trabalho. *Lideranças do Contestado* é um livro fundamental para quem deseja observar substancialmente este polêmico conflito. Paulo Pinheiro Machado procura mostrar fundamentalmente que a história não é tão simples de ser entendida à primeira vista. Havia muito mais questões sérias e urgentes dentro da religiosidade cabocla, do que supunha a vã ‘filosofia do fanatismo’ do governo catarinense.

4. *Guerra do contestado: verdade histórica*, por Walter Tenório Cavalcanti

Este autor é advogado e foi também deputado estadual em 1951, segundo a primeira orelha do livro. Sua obra é curiosa, original e interessante. Logo a princípio vejo que Walter

¹⁸ Ibidem, p. 36.

¹⁹ BOSI, 1998, p.49, Apud MACHADO, Paulo Pinheiro. *Op. cit.*, p.43.

²⁰ MACHADO, Paulo Pinheiro. *Op. cit.*, p. 43.

²¹ Idem, p. 44.



Tenório Cavalcanti responderia ‘sim’ à minha tão falada questão principal, afirmando que os sertanejos se uniram e formaram os redutos unicamente com o intuito de ‘salvar a alma’, ‘fanatismo puro’, porque a maior parte das pessoas que se juntaram à João Maria e logo depois à José Maria tinham algumas posses. O que para Tenório Cavalcanti faz cair por terra a ideia de que os caboclos lutavam pelo fim das desigualdades sociais, por um ‘pedacinho de chão’. E mais: diz que apenas uma minoria que estava entre os ‘fanáticos’ era despossuída de bens, que a Guerra do Contestado não foi proclamada pelos sertanejos e sim pelo exército por causa da aglomeração de tanta gente em redutos, o que poderia causar desordens. Afirma que a população nos redutos não queria o conflito; fora obrigada a se atirar a ele para defender sua vida dos ataques do governo.

O autor utiliza o fato dos caboclos não desejarem a guerra e nem tê-la declarado de início como prova de que o motivo da luta era por fanatismo e não por justiça social. Chega a dizer que aos caboclos “sobravam proteínas”²², porque nas fazendas havia bastante leite. Tenório assim segue, numa linguagem simples, porém não simplória, procurando mostrar o ‘lado bom dos fanáticos’ (que segundo ele respeitavam as mulheres, até mesmo as do lado adversário)²³, fazendo uso de uma escrita inovadora, sem notas de rodapé. Porém, o grande problema do autor é acreditar que a sua verdade ‘é absoluta’. Vejamos o que ele afirma:

Rebatemos uma série de afirmativas de um ilustre autor, e as questionamos – sem lhe mencionar o nome – por se tratar de político militante e nossas críticas poderiam, eventualmente, servir a propósitos políticos de seus adversários. Nossa intenção inabalável é manter este trabalho acima de paixões partidárias.²⁴

Não há como manter algo acima das nossas convicções – obviamente que podemos redigir livros sem aquele sentimento exacerbado por algum lado, mas, no fundo do texto, nas profundezas mais ocultas de nossas palavras, há sempre a queda para uma posição, causa, ou objetivo. Walter Tenório Cavalcanti anuncia que “nosso propósito [dele e de seus colaboradores] era dar à atual geração a versão exata do que aconteceu”²⁵. Lembrei-me, imediatamente, da Escola Metódica (apelidada pejorativamente de positivista), e parece que o autor compartilha com ela uma de suas ideias principais. O mundo é imenso e variado demais

²² CAVALCANTI, Walter Tenório. *Guerra do contestado: verdade histórica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 40.

²³ Idem, p. 26.

²⁴ Ibidem, p. 11.

²⁵ Ibidem, p.105.



para ter ‘verdades absolutas’. Existem várias verdades, cada pessoa tem as suas, e só através das críticas e do debate é que podemos chegar a algum lugar. *Guerra do Contestado: verdade histórica* serve de alerta para os historiadores profissionais: se essas e aquelas continuarem produzindo trabalhos acadêmicos e livros mais preocupados com as regras da ABNT do que com a simplificação de seus termos e linguagens, suas verdades serão tidas como incompreensíveis pelo público leitor, ao passo que obras no estilo conservador, e de fácil entendimento, como a de Walter Tenório Cavalcanti, provavelmente terão muito mais sucesso e admiração.

Concluindo, como foi dito no início deste artigo, analisamos como os quatro autores já debatidos acima responderiam à pergunta que é o título do presente texto. Pudemos observar que tivemos dois ‘sim’ (Aujor Ávila da Luz e Walter Tenório Cavalcanti) e dois ‘não’ (Marli Auras e Paulo Pinheiro Machado). Disputa equilibrada! Agora é a vez da minha posição. Não acredito que os caboclos fossem ‘fanáticos’, ou ‘doentes mentais’ como diz Aujor Ávila da Luz. Eles apenas criaram uma nova visão de mundo em oposição àquela advinda com a República: a modernidade. No final do século XIX até a primeira metade do século XX, a humanidade viveu essa dicotomia: tradição *versus* modernidade.

Depois da Primeira Grande Guerra, os ‘ares’ da ciência, da tecnologia, e da urbanização acelerada foram progressivamente atingindo o mundo inteiro, cumprindo-se plenamente a famosa frase de Karl Marx: ‘Tudo o que é sólido desmancha no ar’. Por essa razão é que a partir da queda do Muro de Berlim em 1989, até nossos dias vive-se a ‘Era das Incertezas’, batismo feito por alguns estudiosos do tempo presente. Aos que querem chamar os sertanejos do Contestado de ‘fanáticos’, devem então chamar assim também o exército e o governo catarinense, que combateram as Irmandades Caboclas. Afinal de contas o Estado queria impor o ‘progresso’; logo, eram ‘fanáticos pela ciência’. A palavra ‘fanático’ representa uma obsessão que vale para qualquer campo e elemento, não sendo algo restrito à religião.

Finalizo o artigo dizendo que a Guerra do Contestado foi e ainda é uma disputa de antagonismos: na época do ocorrido a tradição enfrentava a modernidade. Hoje em dia o Contestado é o ‘noivo’ disputado pela esquerda *versus* direita, seqüelas da Guerra Fria que ainda quer nos aterrorizar. E para quem ainda acha que os caboclos são ‘fanáticos’, apresento dois versos das Décimas de Antônio Fabrício das Neves, cedidas gentilmente a mim por



Paulo Pinheiro Machado. Antônio pertence à família dos Fabrícios, amigos do monge José Maria²⁶. Suas Décimas foram de suma importância para definir minhas opiniões.

Quem conheceu minha terra
há trinta anos atrás
os campos cheios de gado
cerros cheios de pinhais
hoje quem te vê de novo
já não te conhece mais

Tudo isto aconteceu
só por causa do dinheiro
minha terra hoje pertence
só pros grandes fazendeiros
até os pobres passarinhos
os que não fugiram, morreram.²⁷

Fontes e Referências

ARRUDA, Jobson; PILETTI, Nelson. *Toda a história: história geral e história do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

AURAS, Marli. *Guerra do contestado: a organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.

CAVALCANTI, Walter Tenório. *Guerra do contestado: verdade histórica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

LUZ, Aujor Ávila da. *Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2004.

NEVES, Antônio Fabrício das. *Décimas*. Texto cedido por Ivone Gallo. Irani, 1930.

²⁶ Ibidem, p. 343.

²⁷ NEVES, Antônio Fabrício das. *Décimas*. Irani, 1930. Texto cedido por Ivone Gallo.

